

2671

SERMAM
DE S. IOAM
BAPTISTA.
NA PROFISSAM
Da Senhora

MADRE SOROR MARIA DA CRUZ,

Filha do Excellentissimo

DVQUE DE MEDINA SYDONIA,
SOBRINHA DA RAINHA N. S.

Religiosa de Sam Francisco.

No Mosteiro de Nossa Senhora da
Quietação, das Framengas.

Em Alcantara.

Esteue o SANCTISSIMO SACRAMENTO exposto.

Assistiraõ suas MAGESTADES, & ALTEZAS.

PREGOVO O P. ANTONIO VIEIRA
da Companhia de IESV. Prégador de S. Magestade.

EM LISBOA. COM TODAS AS LICENÇAS,
Na Officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1644.

1017

THE
 HISTORY
 OF
 THE
 REIGN
 OF
 CHARLES
 THE
 SECOND
 BY
 JOHN
 BURNET
 ESQ;
 IN
 TWO
 VOLUMES
 THE
 SECOND
 VOLUME
 LONDON
 Printed by J. Sturges, at the Golden-Anchor, in St. Dunstons Church-yard, 1704.

EL



a
 M
 en
 &
 fi
 en
 v
 m
 m
 m
 a
 i
 B
 d
 g

873

Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filiū;
& audierunt vicini, & cognati eius quia magnifi-
cavit Dominus misericordiam suam cum illa, &
congratulabantur ei. Et venerunt circumcidere
puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zaba-
riam. Et respondens mater eius dixit: Nequaquam
sed vocabitur Ioannes. Luc. cap. i.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

S E N H O R.



O dia em que nace a Voz de Deos, ju-
stamente emudecem as vozes dos ho-
mês. Admiraçoẽs emudecidas saõ a re-
torica deste dia: *mirati sunt uniuersi*; pal-
mos, & assombros saõ as eloquẽcias de
sta acção: *Factus est timor super omnes vici-
nos eorum*. He dia hoje de falarem osco-
raçoẽs, & de callarẽ as lingoas: por isso
a lingua de Zacharias emudeceu, por isso os coraçõens dos
Montanhezes fallauão: *Posuerunt in corde suo dicentes*. E se
em qualquer dia do grande Baptista he perigoso o fallar,
& os discursos mais discretos saõ os que se remetem ao
silencio; que sera hoje no concurso de tantas obrigaçoens
em que as causas do temor, & os motiuos da admiração se
vem taõ crecidos? Se toda a razão dos assombros no naci-
mento do Baptista era verem que daua Deos a hũa alma a
mão de amigo: *Et enim manus Domini erat cum illo*; Quanto
mais deue assombrar hoje nossa admiração ver q̃ dà Deos
a outra alma a mão de Esposo: *Et enim manus Domini erat cū*
illa? Bem sei que disse Origens, que dar Deos a mão ao orig.
Baptista foy desposarse com sua alma: mas muito vay de
desposorio a desposorio, porque vay muito de lugar a lu-
gar. Desposarse Deos nos desertos he cousa ordinaria; mas

A 2

despo-

desposarse Deos nos palacios: Deos desposado no Paço? Marauilha grande! He caso este em que acho contra mim todas as criaturas.

Se lermos o Profeta Oseas acharemos, que querendo Deos desposarse com hũa alma, disse, que a leuaria primeiro a hum deserto: *Ducã eam in solitudinem, & loquar ad cor eius*. Se lermos o Profeta Jeremias acharemos, que lembrando Deos a Hierusalem o tẽpo, que com ella se despolara, aduertio que fora noutro deserto: *Charitatem despõsationis tuæ quando sequuta es me in deserto*. Se lermos os Cantares de Salamão acharemos, que os desposorios daquella alma sobre todas querida de Deos, nũ deserto se trataraõ, noutro deserto se conseguirão. *Quæ est ista que ascendit per desertum:* diz no cap. 3 *Quæ est ista qua ascendit de deserto innixa super dilectum suum:* diz no cap. 8. Mas para que he multiplicar escrituras, se o mesmo Esposo que està presente nos pode escusar a proua? O mysterio em que Deos mais propriamẽte se desposa com as almas he o Sacramento soberano da Eucharistia. Porque nelle (como grauemẽte notou S. Agostinho) por meo da vniaõ do corpo de Christo se verefica entre Deos, & o homẽ: *Erunt duo in carne vna*. E se buscarmos os lugares em que Deos figuratiuamente celebrou estes desposorios, acharemos, q̃ os principaes, assi no velho como no nouo testamento foraõ desertos. A principal figura do Sacramento no testamento velho foi o Maná, durou quarẽta años, & todos foraõ de deserto: *Patres nostri mã ducaverunt Manã in deserto*. A principal figura do Sacramento no testamẽto nouo, foi o Milagre dos cinco paẽs, & o Milagre dos sete, & ambos socederaõ no deserto. *Desertus locus est, & nõ habet quod mãducet. Vnde eos quis potest hic saturare panibus in solitudine?* Pois qual he a razão (para q̃ mais fũdadamente nos admiremos) qual he a razão porque se desposa Deos nos desertos sẽpre? Naõ he o Monarcha vniuersal do mũdo, naõ he o Principe eterno da gloria? Pois jã q̃ hade desposarse de sigualmente na terra, porque naõ busca esposa com menos desigualdade nas Cortes, & nos Paços dos

675
dos Reys, senam nos desertos, & nas soledades?

A razão he, porq̃ esposa com as qualidades de q̃ Deos se agrada não se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sacramento nos fundou a duuida; S. Ioão nos fundará a reposta. Fez Christo hũ Panegirico do Baptista (q̃ de tão grãde fogeito sò Deos pode ser bastãte orador) as palauras forão poucas, a sustancia muita, & começou o Senhor assi. *Quid existis in desertũ videre? Hominẽ mollib⁹ vestitiũ? Ecce qui mollibus vestiuntur in domibus regũ sũt.* Sabeis quẽ he Ioão, esse aquẽ todos sabis a ver (diz Christo.) He hũ homẽ q̃ viue no deserto: não he dos homẽs q̃ viuẽ no Paço. Notauel dizer! Pois Senhor, este he o thema q̃ vòs tomais para prègar do Baptista? Quãdo quereis cõcluir q̃ he o maior dos nacidos, fundais o Sermão em que viue no deserto, & não viue no Paço? Si. Toda a perfeição resumida consiste, como dizem os Theolos: *In prosequutione, & fuga*, em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir ó vicio. Por isso os preceitos ecclesiasticos, & diuinos, hũs saõ positiuos, outros negatiuos; os positiuos q̃ nos mãdão seguir o bẽ, os negatiuos q̃ nos mãdão fugir ò mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeição do Baptista; q̃ fez? Disse q̃ era hũ homẽ, q̃ seguia todo o bẽ, & q̃ fugia de todo o mal. E para dizer q̃ seguia todo o bẽ, disse, q̃ viuia no deserto, para dizer q̃ fugia de todo o mal, disse, q̃ não viuia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar, & para dizer quẽ era disse onde moraua. Ainda não digo bẽ. Para dizer quẽ era disse aonde moraua, & aonde não moraua. Para dizer q̃ era homẽ do Ceo, disse q̃ moraua no deserto; para dizer q̃ não era homẽ da terra, disse q̃ não moraua no Paço. E q̃ estãdo os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos que aquelle Senhor, que sò se desposaua nos desertos, hoje o vejamos desposado em Palacio! Marauilha grande.

Mas qual será a razão desta marauilha? Qual será a razão, porq̃ Deos, q̃ sò se desposaua nos desertos, hoje se desposa no Paço? A razão he; porq̃ o Paço das Rainhas de Portugal he Paço cõ propriedades de deserto. Deos cõmumẽte

desposase no deserto, porq̃ não acha no deserto as condi-
 ções do Paço: hoje desposase no Paço, porq̃ achou no Paço
 as condições do deserto. Quando a Job no meo de seus tra-
 balhos lhe parecia melhor a morte q̃ a vida, entre as quei-
 xas que fazia della disse desta maneira. *Et nunc requiescerē
 cum Regibus, & Consulibus, qui aedificant sibi solitudines*: Se eu
 fora morto estiuera agora descãçado entre os outros Reys
 & Principes, que edificão desertos. Notauel modo de fal-
 lar! *Cum Regibus, qui aedificant solitudines*: Reys que edificão
 desertos! Se dissera Reys que edificam palacios; bẽ estaua:
 mas Reys que edificam desertos! Os desertos edificamse?
 Antes desfazendo edificios, he que se fazem desertos. Pois
 que Reys são estes, que trocã os termos a Architectura,
 que Reys são estes q̃ edificão desertos? São aquelles Reys
 (diz S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal ma-
 neira se contemporiza com auidade da terra, que se trata
 principalmẽte da verdade do Ceo; & Paços onde se serue
 a Deos como dos hermos, não são Paços, são desertos: *Qui
 aedificant sibi solitudines*. Bemdito, que edificão; porque ha
 duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar
 por edificação. O edificio faz dos desertos palacios, a edi-
 ficação faz dos palacios de sertos. Hũ Paço onde se serue a
 Deos he hum deserto edificado. Paço onde sò Deos se ser-
 ue, & o muudo sò se contemporiza: onde a clausura com-
 pete com a das Religioẽs: onde as galas são dissimulaçam
 do cilicio: onde a licẽça do galãteo, a liberdade dos saraos
 & outras mal entendidas grandezas ião exercicios de es-
 piritu: onde sair do Paço para a nouiciado mais he mudar
 de casa que de vida; Este hermo cortezão não lhe chamem
 Paço, chamemlhe deserto: *Qui aedificant sibi solitudines*. Lá
 disse Socrates do Emperador Theodosio segundo, que fo-
 ra tão religioso Principe, & tão reformador da Casa Real,
 que conuentera o Paço em Mosteiro. *Palatium sic disposuit,
 ut haud alienum esset à Monasterio*. Esta conto eu entre as
 grandes felicidades do nosso Principe, que Deos guarde,
 & a tenho ainda por maior, que a do outro Theodosio. O

outro

677
outro Theodosio fella, o nosso achoua: o outro criou esta
reformaçõ, o nosso criase nella. O que grandes fundamẽ-
tos para tão grandes esperanças! E como no Paço de Por-
tugal tem o Ceo tantas prerogativas de deserto, que mui-
to, q̃ Deos costumado a se desposar nos desertos ovejamos
hoje desposado no Paço? Cessem pois as admiraçoẽs com
as dos Montanhesez, rompase o silencio com o de Zacha-
rias, & comecemos a fallar nesta acção pois nos dá licença
o pasmo: *Et appertum est illic os eius.*

Verdadeiramente que me vi embaraçado no concurso
das obrigaçoẽs de hoje, porque são todas tão grandes, que
cada hũa pedia o Sermam todo. Para nam errar a conse-
lheime com o mesmo S. Ioaõ Baptista, & seguirei lua dou-
trina. *Quid habet sponsam sponsus est, amicus autem sponsi gaudio*
gaudet. Eu sou amigo de Christo (Diz S. Ioaõ) a esposa he
do espolo, a festa he do amigo. Assi seja. A festa será de S.
Ioaõ, o dia será da Esposa, & o Euangelho se accommoda-
rá tanto a hum, & a outro, que pareça que he de ambos.
Vamos com elle, sem nos apartar hum ponto.

Elisabeth impletum est tempus pariendi; & peperit filium.
Ilabel depois de cõprido o tempo dos nove mezes foi mãy
de hũfilho. Aquella palaura *impletũ est tempus*, depois de cõ-
prido o tempo, pareceo superflua a alguns Doutores anti-
gos. Não estaua claro que S. Ioaõ auia de nacer como os
outros homẽs passado o tempo que a natureza limitou pa-
ra o nascimento? Pois Porque diz hũa cousa superfluo o E-
uangelista, q̃ naceo S. Ioaõ depois de comprido o tempo:
Elisabeth impletum est tempus? O Cardeal Toledo, & todos os *Toled.*
Literaes dizem, que não foy superflua esta aduertencia se-
nam muito necessaria; suposto que em S. Ioaõ se anteci-
param tanto as leys da natureza, que aos seis mezes de cõ-
cebido já tinha vzo de razão. E quem anticipou o vzo de
razão tantos annos, podia se cuidar que tambem antecipa-
ria o nascimento a' gũs mezes. Pois para q̃ se foubesse q̃ não
foy assi, diga o Euangelista, que naceo S. Ioaõ depois de
cheo, & comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

Esta he a verdadeira intelligencia deste texto; mas quãto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duuida. Que se diga que S. Ioaõ naceo comprido o tempo, porque naõ anticipou o nascimento; bem dito está: mas porque o naõ anticipou? Porque naõ anticipou o tempo do nascimento, assi como antecipou o tempo do vzo da razão? O vzo de razão, segundo as leys da natureza, auia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimento aos noue mezes da conceiçaõ. Pois se antecipou o vzo da razão tantos annos, porq̃ nam anticipou o nascimento algũs mezes? Porque o nascimento pertencia á vida da natureza, o vzo da razão pertẽcia á vida da graça; & nas materias temporaes o que costuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituas o que costuma fazer o tempo, melhor he que o faça a razão. Para nacer ao mundo, faça o tempo o que hade fazer o tempo, para nacer a Deos, o que hade fazer o tempo, faça a razão. Caminhaua Christo de Bethania para Hierusalem, vio no campo hũa figueira muito copada, chegou, & como nam achasse mais que folhas, amaldiçoou a. E nota o Euangelista S. Marcos (couza muito digna de se notar) que naõ era tempo daquella aruore ter fruto: *Non erat tempus ficorum*. Pois valhame Deos: pasmão aqui todos os Doutores. Senam era tẽpo de fruto, para q̃ o foi Christo bulcar? E se o nam achou, quando o naõ auia, porque castigou a aruore? Se a castigou tinha ella obrigaçam de ter fruto. E se naõ era tempo, como tinha esta obrigação? Tinha esta obrigação (diz S. Chrysoftomo) porque ainda que por ser Primavera naõ denia frutos ao tempo, por Deos se querer seruir della deuiaos á razãõ. E as diuidas da razão nam ham de esperar pelos vagares do tempo. Para dar frutos ao mundo faça o tempo o que hade fazer o tempo: *Elisabeth impletum est tempus*; mas para dar frutos a Deos, o que hade fazer o tempo, faça a razãõ: *Exultauit infans in utero*. Esta he hũa das excellencias, que eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser hum homem em que fez a razãõ, o que faz nos outros o tempo. Esperarem os annos pela

Marc. 23.

Chrysoft.

pela razão isso acontece a todos, mas adiantar-se a razão aos annos, fazer a razão o que avia de fazer o tempo; isto só se acha no Baptista: se bem gloriosamente imitado hoje.

O que gloriosamente equiuocado temos hoje o anno: o Abril mudado em Setembro, & os frutos que avia de amadurecer o tempo, sozonados na razão! Quem podia fazer outono dos frutos, a primavera das flores, senam a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra. Cant. 2.* *tempus putationis aduenit?* Assim obedecem os tempos, onde assim domina a razão. Que já o mundo, & a vida não saibam enganar? Que vejamos tantos desenganos da vida em tam poucos annos de vida? Que he isto? He que fez a razão o que avia de fazer o tempo. Seguirem-se aos annos os desenganos he fazer o tempo o que faz o tempo: mas anticiparem-se os desenganos aos annos, he fazer a razão o que o tempo avia de fazer. Queixaua-se Marco Tulio, que sendo os homêes racionaes, pudesse mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da razão. Mas hoje vemos o discurso da razão mais poderoso que o discurso do tempo. Que não bastassem noventa annos para dar fizo a He- *1. Reg. 5.* lí, & que bastem dezoito annos para fazer sezudo a Samuel? O que grande victoria da razão, contra a sem razão do tempo! Hũa velhice enganada, he a mayor sem razão do tempo: Hũa mocidade desenganada he a mayor victoria da razão. Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos; & que os cabellos de Absalaõ *2. Reg. 14.* na idade de ouro sintão os rigores do ferro! Que enxugue *Luc. 7.* a Magdalena as lagrimas dos pès de Christo com os cabellos, mas que os não corte; & que haja outra Maria que ponha aos pès de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Jacob na primavera dos annos *Gen 48.* enterre a sua Rachel; he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma! Grande valor da razão. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregar-lha quan-

B do

do elle a dâ, he sacrificar a vontade. Quem didica a Deos os vltimos annos, faz Christão o temor da morte: quem lhe consagra os primeiros, faz Religioso o amor da vida.

Zuc. 1.

2. Reg. 19.

As batalhas da razam com os annos he hũa guerra em q̄ resistem mais os poucos que os muitos. Deixarem se vencer da razão os muitos annos, não he muito: mas deixarê se vencer, & conuencer os poucos, grande poder da razam! E mais se considerarmos a resistencia fauorecida do sitio. Poucos annos, & nas montanhas (como eram os do Baptista) não he tanto, q̄ se não defendão á força da razão: mas poucos annos, & em palacio, conuencidos, & desengañados! Graõ victoria. Offerece el Rey David a Bercellai hũ grande lugar no Paço, & elle que era ja de oitenta annos, que responderia? *Octo genarius sum hodie non indigeo hac vicissitudine*: Respondeo que affaz tinha aprêdido em tantos annos a desengañar se das Cortes, q̄ o deixasse o Rey viuer retirado consigo, & tratar da sepultura; porê que aceitaua o lugar para hum seu filho q̄ tinha de pouca idade: *Est seruus tuus & hamaam, ipse vadat tecum*. Parece que se implica nesta acçam o amor de Pay, mas explica se bem o engano do mũdo. Desengañarão a Bercellai os muitos annos proprios para não querer o Paço para si, & enganarão os poucos annos alheos para querer o Paço para o filho. Não sey q̄ tẽ o Paço, & os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, não se atreuem ao deixar os poucos. Teue conhecimẽto para o deixar hum velho, não teue animo para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas não se atreueo a dar o conselho. Antes parece que se sustituiu o pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propria velhice não podia. E q̄ não auẽdo valor na velhice para deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mũdo deixa: que haja resolução na mocidade para meter o mundo debaxo dos pés, quem o mundo trazia na cabeça! O que bê se desafronta hoje a natu-

m
e
t
c
c
c
r
c
q
p
c
e
n
c
u
u
t
g
8
a
d
D
n
o
c
a
c
q̄
a
re
d
fe
6
DI

181

natureza humana. Lã dezia S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus* Ad Gal. *est & ego mundo.* O mundo está crucificado em mi, & eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estaua crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo: se Paulo estaua crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas para o mundo. E que dẽ eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas; não he muito. Mas q̃ quando o mundo me mostra bom rosto, dẽ eu de rosto ao mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se rí de vós. vós choreis por elle! ò fraqueza! Mas que quando o mundo se rí para vòs, vòs vos riais delle; ó valentia!

He tão grãde valentia esta, que sendo propria das forças da razão não fiou S. Paulo o credito della, senam dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyfes, & diz assi: *Ad Hab. II*
Moyfes grandis factus negauit se esse filium filie Pharaonis magis eligens affligi cum populo Dei, &c. Moyfes depois que foi de maior idade, deixou o Paço del Rey Faraõ, deixou a Princesa, deixou quanto alli possuia, & esperaua; escolhẽdo viver pobre, & sem liberdade, com o pouo de Deos no captiueiro do Egypto. O em que reparo aqui he, no *grandis factus*: que fez isto Moyfes depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? S. Paulo trataua da resoluçãõ & não dos annos de Moyfes. Pois se a resoluçãõ estaua no animo, & não nos annos, porque diz que era de maior idade de Moyfes, quando peixou o Paço, & se catiuou por Deos? Direi. Moyfes criara-se no Paço del Rey Faraõ desde menino, era todo o mimo, & fauor da Princesa do Egypto, que o adoptara por filho, & como tal era seruido, & venerado com a authoridade, & magnificencia real. E deixar Moyfes a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa Princesa, deixar a cercania de hũa coroa, pareceolhe a S. Paulo q̃ não era façanha creiuel e poucos años; por isso ajuntou a resoluçãõ com a idade, para que a idade desse credito á resoluçãõ. *Moyfes grandis factus.* Como se differa. Ninguem duuide esta galharda acçãõ de Moyfes, porque quando a fez era ja de mayor idade, bem cabia nos seus annos. Ora

seja embora a resolução de Moyses victória do tempo, q a grande acção q nòs celebramos hoje, cõ ser taõ parecida em tudo o mais, não se pode gloriar della o tempo, senam a razão. Obrou aqui a força da razam, o que là fez o poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

Et audierunt vicini, & cognati eius quia magnificavit Deus misericordiam suam cum illa. Tanto que naceo S. Ioaõ (diz o Evangelista) soou logo pelo lugar, q engrandecera Deos sua misericordia com Santa Izabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.* Notauel dizer! Parece que não está boa a conlequencia do texto. O que soou pelo lugar, auia de ser o q succedeo em casa de Zacharias. Succeder hũa coufa, & soar outra, isso acontece nas Cortes lisongeiras, & maliciosas & não nas môtanhas simples. O nosõo Evangelho o diz: *Diulgabantur omnia verba hac:* q o q se diulgaua era o mesmo q succedia. Pois se o q succedeo foi nacer o Baptista: *Elisabeth peperit filiũ;* como diz o Euãgelista, q o q soou foy q engrãdecera Deos sua misericordia: *Et audierũt, quia magnificavit Deus misericordiã suã?* Grande louuor do Baptista! Quãdo as vozes diziaõ em casa de Zacharias, que nacera Ioaõ, repetião os eccos nas môtanhas, q Deos engrãdecera sua misericordia; porque quando Ioaõ sae ao mudo, augmentaõse os attributos a Deos: quando Ioaõ nace, Deos crece. Não he arrojamẽto, senão verdade muito chãa. Disse o mesmo S. Ioaõ, & mais fallaua em seus louuores cõ grãde modestia. *Illũ oportet crescere me autẽ minui:* Importa q elle creça, & q eu diminua. Aquelle (elle) não se refere me nos, q ao verbo humanado. Pois como assi? Deos ainda em quãto humanado não pode crescer. Como logo diz S. Ioaõ *Illum oportet crescere:* importa q elle creça? E dado q podesse crescer, q depẽdẽcia tinhaõ os crecimẽtos de Deos, das diminuições do Baptista? Deos he grande sem depender de ninguẽ. Como diz logo: *Illum oportet crescere, me autẽ minui:* Importa crescer elle, & diminuir eu? He possiuel crescer Deos? E he possiuel q o seu crescer depẽda do Baptista? Si. Porq ainda q Deos por ser infinito não pode crescer em si mesmo, por ser limitado o conhecimẽto humano, pode cre
cer

1007.3.

682
cer na nossa estimação. E na estimação dos homẽs, nẽ Deos podia crescer sem diminuir o Baptista, nẽ o Baptista podia diminuir sem Deos crescer. Ora vede como. O conceito q os homẽs fazião de Deos antiguamẽte, era tal, q quando o Baptista appareceo no mũdo, alsẽtarão q elle era Deos. Cõforme esta resolução lhe forão offerecer adoraçoẽs ao de- Matth. I I.
ferro, onde o mesmo S. Ioão os desẽganou. E como o Baptista, & Deos, na opinião dos homẽs, erão iguais; tãto q por seu testemunho se desfez esta opinião: necessariamẽte creceo Deos, & o Baptista diminuiu. Diminuiu o Baptista, por q ficou menor q Deos: creceo Deos, por q ficou maior q o Baptista. Desorte, q depois q o Baptista veyo ao mũdo, ficou Deos, para cõ oshomẽs, maior do q d'ãtes era: por q d'ãtes era como o Baptista, depois começo a ser maior q elle. Dõde se infere, e grãde louuor deste grãde São, q a medida do Baptista he ser menor q Deos, & a medida de Deos he ser maior q o Baptista. Não tenho menos abonado fiador, q S. Agostinho: *Quisquis Ioanne plus est nõ tãtum homo sed Deus est.* Sabeis quem he Ioão? He menor que Deos. Sabeis quẽ he Deos? he maior que Ioão. Com esta differença porei; que em quanto S. Ioão o não disse, erão iguais; depois que o testemunhou começo Deos a ser maior. Que muito logo, que creça Deos nos seus attributos, quando São Ioão nace no mundo? *Et audierunt quia magnificauit Deus misericordia suam.*

De esta maneira creceo Deos na qlle tẽpo, & tãbẽ eu hoje se a cõsideraçã me não engana, o vejo muito crecido. Entã creceo nas minguaes de Ioão, hoje crece nas minguaes do mũdo. Appareceolhe a Nabucodonosor aqlla tão reperida, & tão prodigiosa estatua; E vio o Rey, que tocandolhe hũa pedra nos pès de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas, & a pedra creceo a grandeza de hũ monte: Dan. 2.
Factus est mons magnus, & repleuit terrã. Para entẽder esta figura, q he enigmatica saibamos quẽ era a pedra, & quẽ a estatua. Em sãtido de S. Ambrosio, & S. Agostinho, a estatua Ambr.
era o mũdo, a pedra era Deos. Pois se apedrahe Deos, como August.
crece a pedra? Deos pode crescer? E se a estatua he o mũdo como diminue a estatua? O mundo diminuese? Tudo sam

efeitos da estimaçãõ dos homẽs. Segundo a estimaçãõ q̃
 fazemos de Deos & do mundo, ou crece a estatua, & di-
 minue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se
 pomos a Deos aos pès do mundo, crece o mundo, & dimi-
 nue Deos, se pomos o mũdo aos pès de Deos, crece Deos
 & diminue o mundo. Deixar a Deos por amor dos nada
 do mundo, he fazer a Deos menor que nada: mas deixar o
 tudo do mundo por amor de Deos, he fazer a Deos maior
 que tudo. *Accedet homo ad coraltum, & exaltabitur Deus.* Bem
 dito seja elle, que de quantas vezer vemos a Deos taõ pe-
 queno, & taõ apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje
 taõ grande, & taõ crecido! Taõ crecido, & taõ acrecenta-
 do està hoje Deos em sua grãdeza, quãtas saõ as grãdezas
 do mundo que vemos a seus pès arrojadas. A estatua de
 Nabuco, na estatura representaua grãdezas, na materia
 riquezas, na significaçãõ estados, & tudo isto abraçado em
 fogo do coraçãõ se rende hoje em cinzas aos pès de Chri-
 sto. Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, que quẽ
 lho offerece em estatua. Porque o mundo em estatua he
 muito maior que si mesmo. Para derrubar cõ hũa pedra ao
 Goliath bastou a funda de David, para derrubar com outra
 pedra a estatua de Nabuco forãõ necessarios impulsos (po-
 sto que inuisiveis) do braço de Deos. O Goliath tinha de al-
 tura seis couados, a estatua tinha sessenta; que nas grãde-
 zas mais pomposas do mundo sempre saõ menores os Gi-
 gantes que as estatuas. Nũca as machinas viuas igualam á
 medida das sonhadas. Sonha a fantezia, promete a esperã-
 ça, profetiza o desejo, representa a imaginaçãõ: & ainda q̃
 a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas,
 o prazo destas profecias, a verdade destas representações
 nũca chegãõ; mais triumpho o amor diuino, quãdo piza o
 fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido.
 Deixar antes de possuir he vsura de merecer; porque quẽ
 mais dá, mais merece, & quem dá os bens na esperança dà
 os onde saõ maiores. A melhor parte dos bẽs desta vida he
 o esperar por elles: logo mais faz quẽ se inhabilita para os
 esperar,

Psal. 66.

1. Reg. 17.

Dan. 3.

625
esperar, que quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos quando lançauão as redes, & não quando as recolhiaõ: *Mittentes rete in mare.* Matth. 4. Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançam leuam em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem trazem muita rede vazia.

O quantas, & quam bem fundadas esperanças, ò quãtas, & quam bem entendidas grandezas honram hoje em piadoso sacrificio os altares de Christo! Dizia Sam Paulo aos Romanos, que ninguem pode dar a Deos senão o q Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tão engenhosamente liberal, que auendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerrece mais do que Deos lhe deu. Não ha duuida, que dos bens temporaes mais liberal he o mudo em suas promessas, que Deos em suas liberalidades. Não costuma Deos dar tanto, quanto o mudo costuma prometer. Bem se segue logo, que mais dà a Deos quẽ lhe dà as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadiuas suas. Se dais a Deos o que Deus vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mudo vos promete, dais muito mais. O quão liberal está com Deos, quem dando-lhe as maiores grãdezas, ainda busca artificios de lhas dar acrecentadas! E que artificio pode auer para acrecentar os bens, & grandezas do mundo? Eu o direi: que nos exemplos desta acção não se pode deixar de aprender muito. Os bẽs, & grãdezas do mundo falsamente se chamão bẽs, porq são males, & sem razãõ se chamão grãdezas, porque são pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grãdezas, & dos males bẽs? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças; porque esses, que o mundo chama grandes bẽs, só sam bẽs quãdo se deixãõ, só sam grandes quando se esperam. A esperança lhe dà a grandeza, o desprezo lhe dà a bondade: desprezados são bẽs, esperados são grandes. E assi: mais dà quem despreza o que espera, que quem dà o q possue. De hũas, & outras: de possuidas, & de esperadas grãdezas,

726
são despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos impulsos daquela pedra diuina. O como desaparece a estatua! O como crece o monte! De nossas diminuições augmenta Deos suas grandezas, de nossos despresos sua Magestade.

Apoc. 4.

Là vio Sam Ioaõ no Apocalipse aquelles vinte & quatro anciãos, que tirado as coroas das cabeças, as lançauiam aos pés do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronum.* Tornou a olhar o Euangelista, & vio, que Deos tinha

Apoc. 9.

muitas coroas na cabeça: *Et in capite eius diademata multa.* Pois se as coroas se lançauiam aos pés de Deos, como tinha Deos as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua grandeza, quanto desprezaõ os homẽs por seu amor. As coroas na cabeça de Deos eraõ augmentos de sua grandeza: as coroas aos pés de Deos eram despresos do amor dos homẽs; & com as mesmas coroas que arrojaua o desprezo humano, se autorisaua a Magestade diuina: porque tanto crece Deos nos augmentos de sua grandeza, quantas são as grandezas que põe aos pés de Deos nosso amor. Digase logo, que creceo, & se engrandeceo Deos hoje duplicadamente: hũa vez medido com Sam Ioaõ, outra vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, & ser preferido a Ioaõ, he crescer muito Deos em sua estimação, & engrandecerse muito em seus attributos: *Quia magnificauit Deus misericordiam suam,*

Et uenerunt circumcidere puerum. Vieram circuncidar o minino. Suposto que o minino era S. Ioaõ, parece que o não auiaõ de circuncidar. A circuncisaõ naquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o Baptismo. Pois se S. Ioaõ estaua já liure do peccado original; se estaua em graça de Deos, & sãtificado nas entranhas de sua mãy porque se sogeita ao rigor da circuncisaõ? Porque ainda que a circuncisaõ não lhe tiraua o peccado original, de q̄ estaua liure, acrescentaualhe a graça da justificaçam com q̄ nacera sãtificado. E esta he nos seruos de Deos a mayor fineza da virtude, sogeitaremse a tomar para augmento da
graça

graca, os rigores que Deos deixou para remedio da culpa. A circuncisaõ nos outros homẽs era remedio da culpa; em S. Ioaõ era só augmento da graca; & foyeitarle S. Ioaõ para maior graca, nas izenções de innocẽte aos remedios de culpado! Grande acção: grande sacrificio. Falla Zacharias à letra do mayor sacrificio da ley da graca, o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, & diz assi. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius, nisi frumentum electorum, & vinum germinãs Virgines?* Que cousa fez Deos boa, que cousa fez Deos fermosa neste mundo, senam o paõ dos escolhi los, & o vinho dos castos? Que seja bom, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramentado, não auerã quem o negue. Mas que diga o Propheta, que não ha outro tam bom como elle: *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Nam sei como o auemos nõs de conceder. E para que não vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, nam he tam bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente. Pois porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de christo no Sacramento he melhor que todos? A razão da ventagem eu a darei. O sacrificio de corpo, & sangue de christo na cruz foy sacrificio para remedio de peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio para augmento de graca. Ainda que em Christo não auia peccados proprios, nem merecia graca para si; tinha com tudo tomado por sua conta a satisfacaõ de nossos peccados, & os meynos de nossa justificaçam. E que sacrifique tanto Christo na Eucharistia para augmento da graca, quanto sacrificou na Cruz para remedio da culpa! que empenhe corpo, & sangue para augmentar merecimentos á innocencia, como empenhou corpo, & sangue para alcançar perdã ao peccada! he circunstantia de sacrificio taõ releuante esta, q da mesma idẽtidade tira differenças, & da mesma igualdade ventagẽs. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius?* Tal foy o acto

Zach. 9

da circuncisaõ do Baptista comparada com a dos outros
filhos de Adam. O corpo, & sangue que os outros deram
ao golpe da circuncisaõ, para remedio da culpa, deu o São
Ioaõ (que a não tinha) só pera augmentos de graça; & que
se sacrifique hum innocente, para crescer na graça, ao que
està fogcito o peccador para remediar a culpa! Grande ac-
çaõ do Baptista. Mas não foi sua sò esta vez, nem sua sò-
mente.

Duas innocencias temos hoje fogeitas aos remedios da
culpa: ambas condenadas ao rigor, & ambas ao habito da
penitencia; q̄ taes iniustiças como estas sabe fazer o amor
diuino. Cõdena innocencias como culpas, castiga mereci-
mentos como delitos. Que façãõ grande penitencia os grã-
des peccadores, he muito justo: que a penitencia he reme-
dio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto
se condene ao cilicio, se castigue com o jejum; minino, em
que peccou vossa innocencia? Hum corpo delicado con-
denado a tanta aspereza! Hũa alma innocente castigada cõ
tanto rigor! Se o Baptista fora o mayor peccador, que auia
de fazer senãõ isto? Mas isto fez, porque auia de ser o ma-
yor Santo. Não pode chegar a mais o mais feruoroso dese-
jo da santidade, que fogeitar-se aos remedios do peccado
quem goza os priuilegios da innocencia. Encarece S. Pau-
lo o amor de Christo para com os homẽs, & diz desta ma-
neira aos Corinthios. *Qui peccatum non nouerat pro nobis pec-
catum fecit*: Amou o filho de Deos tanto aos homens, q̄ não
tendo conbecimẽto de peccado, se fez peccador por amor
delles. Estranha sentença! Christo não era innocentissimo,
antes a mesma innocencia? Por razãõ da vniãõ ao verbo
sua alma não era impeccauel? As mesmas palauras o dizẽ,
Qui peccatum non nouerat. Pois como pode caber delito na in-
nocencia: como pode ser, que o impeccauel se fizesse pec-
cador: *Pro nobis peccatum fecit*? Respõdo. O impeccauel não
se pode fazer peccador de culpas, mas pode se fazer pecca-
dor de penas. Não pode cometer peccado quanto à culpa,
mas pode se fogeitar á pena do peccado como se o comete-
ra.

2. ad Corin

ra. Isto he o que fez Christo por amor de nós. & isto he o q
muito encarece S. Paulo em seu amor. *Qui peccatum non no-
uerat pro nobis peccatum fecit.* Não pode o amor chegar a ma-
yor extremo, não se pode adelgaçar a mayor fineza, que a
fazerse peccador nas penas quem he innocête nas culpas.
Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, bus-
ca na penitencia o remedio de seu peccado: mas fazerse
peccador de penas o innocente de culpas, he bascar na pe-
nitencia o desafogo de seu amor. A penitencia no pecca-
dor paga, no innocente obriga: naquelle pelo que ofendeo,
nesto pelo que ama: vede quaes agradaraõ mais a Deos, se
as satistaçoẽs de offendido, se as obrigaçoẽs de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor! consenti os
termos da igualdade quanto entre o diuino, & humano se
permite, pois vemos hoje as finezas de vosso amor compe-
tidas, como as diuidas de nossa obrigaçam desempenha-
das. Hũa alma innocente de culpas, mas peccadora de pe-
nas, hũa innocencia em habito penitente vos offerece ho-
je a tetra esposa do Ceo; que estas saõ as cores de vosso D. Bern.
pensamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras
do vosso Reyno. *Filia Babilonis induuntur purpura, & bisso,*
(dizia S. Bernardo em semelhante acçaõ à Virgẽ Sophia)
*& subinde conscientia pannosa iacet: fulgent monilibus moribus
sordent. E contra tu foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed di-
uinis aspectibus non humanis: intus est quod delectat, quia intus est
quem delectat.* Nem a romancear me atreuo estas palauras,
porque em tanta differença de eleiçoẽs, ou se hade topar
com o aggrauo, ou com a lijouja. *E contra tu* (lò isto quero
repetir) *foris pannosa intus speciosa resplendes:* Pelo contrario
vós, ò esposa de Christo (luz S. Bernardo) como dentro tẽ-
des a quem quereis aggradar, por dentro trazeis as galas:
por fõra vestida de sayal, por dentro de resplandores. *Foris
pannosa, intus speciosa resplendes.* Verdadeiramente que quãdo
reparo nestas palauras me parece que vejo já sinaes do dia
do Juizo Hum dos sinaes do dia do juizo serà (como diz Apoca. 6.
S. Ioaõ no Apocalipse) vestirse o sol de cilicio: *Sol factus est
niger tanquam saccus cilicinus.* E se já vemos vestido de cili-
cio

cio o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores, debaixo da asperesa de tam grosseiros ecclypses, que auemos de dizer? Que se acaba o mudo? Que he chegado o dia do Iuizo? Com muita propriedade se pode dizer assi; porque melhor merece o nome de dia do Iuizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o mundo se acaba. Quanto mais que tambem se acaba o mundo para quem acaba com elle. Como cada hum de nds tem o seu mundo, o vniuersal acaba com todos, o particular acaba com cada hum. E que muito que se vejaõ finaes do dia do Iuizo em hua alma para quem hoje se acaba o mundo? Mas perguntara eu ao Sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o fez innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo pòr luto, para os olhos de Deos pòr gala. Vestese de penitencia o Sol sendo innocete, porq não ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, q hua innocencia illustre em habito de penitencia.

Genes. 3

Aquellas pèlles de que Deos vestio aos primeiros senhores do mundo, estauaõlhe muito mal a Adão, mas estauaõlhe muito bẽ a Abel. A Adam estauaõlhe muito mal, porque erãõ habito de peccado com penitencia, a Abel estauaõlhe muito bem, porque erãõ habito de penitencia sem peccado: em Adão erãõ habito de penitenciado, em Abel erãõ habito de penitete. Esta grãde differença ha entre a penitência dos peccadores, & a penitencia dos innocetes; q a penitência dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocetes he virtude. Não quero dizer q os actos de penitência no peccador, & no innocente naõ sejão virtuosos sèpre. Só digo q os peccadores tomãõ a virtude da penitencia pelo q tẽ de remedio, os innocetes tomãõ o remedio da penitencia pelo q tẽ de virtude. Dõde se segue: q a penitencia hõra os peccadores, os innocetes hõrãõ a penitencia. A penitencia hõra os peccadores, porq lhe tira a afronta do peccado, os innocetes hõrãõ a penitencia porq lhe tiram a mistura de remedio. O ditoso Baptista, ò ditosa alma imitadora vossa: ambos em habito de penitentes; & ambos hõradores da penitência. Ditosos vòs q fazeis trofeos de victoria os instrumentos do desagrauo, & gozais a perrogatiua

697
de penitentes, sê o desfar de arrependidos. Em vòs he virtu-
de o q̄ nos outros he remedio, em vòs eleição o q̄ nos ou-
tros necessidade. Sò em vòs não ha remedio do peccado a
penitência, sendo q̄ sò a vossa penitencia poderà ser reme-
dio do peccado. Porq̄ offensas não merecidas, quaes são as
de Deos, sò se pagaõ cõ castigos não merecidos, quaes sam
os dos innocentes. O merecimento offendido só o pode sa-
tisfazer a innocencia castigada. O q̄ grande sacrificio para
Deos! O q̄ grãde lisonja para o Ceo! Lá disse Christo, q̄ faz *Luc. 15.*
maior festa o ceo ao peccador penitête, q̄ ao justo sê peni-
tencia. Pois se a innocência do justo agrada muito, & a peni-
tência do peccador agrada mais; quãto agradará aquelle ex-
cellente estado, q̄ abraça a perfeição de ambos, & a junta a
penitência de peccador cõ a innocência de justo? Isto he o q̄
fez o Baptista hoje na circuncisaõ, fojeitãdo izençoens de
innocência a remedios de peccado: *Et venerūt circūcidere puerū.*

Et vocabāt eū nomine patris sui Zachariam. Feito o acto da
circuncisaõ tratouse de dar nome ao minino, & queriam
os circūstantes q̄ se lhe puzesse o nome de seu pay, & q̄ se
chamasse Zacharias. Ouuiu isto S. Izabel, & disse: *Nequaquã*
por nenhũ caso: não se hade chamar assi. E porq̄ razio? Por
q̄ não se hade chamar Zacharias o filho de Zacharias? Não
era nome sãto? Não era nome illustre? Não era nome autho-
rizado? Não era nome glorioso? Sy era, mas era nome de
pay: *Vocabant eū nomine patris sui.* E o nome dos pays quanto
mais illustre, quãto mais glorioso, tãto menos o hade tomar
quẽ professa servir a Deos, como professãua o Baptista. No *Ps. 44.*
nome perpetuase a memoria dos pays: na Religião profes-
sãse o esquecimẽto delles: *Obluiscere populū tuū, & domū patris*
tui. E como o Baptista auia de ser (como foi) primeiro fũda-
dor, & exẽplar de Religiosos; não quiz prudẽte S. Izabel, q̄
tomasse o nome de Zacharias; porq̄ não era justo q̄ conser-
uasse a memoria dos pays no nome, quẽ professãua o esque-
cimẽto dos pais na vida. Quereis q̄ se chame Zacharias, por
q̄ he nome de seu pay? Alegais cõtra vòs. Antes porq̄ he no-
me de seu pay, senão hade chamar assi: *Vocabāt eū nomine pa-*
tris sui Zachariã, & ait mater eius nequaquam. Que grandemẽ-
te imitado, se bem em parte excedido vemos hoje este

exemplo do grande Baptista. S. Lucas, porque escrevia para a memoria dos futuros, detene-se neste lugar em contar a genealogia dos pays de S. João; eu que fallo aos olhos dos presentes, não me he necessario determe em tão sabido, como tambem me não fora possivel em tão grandioso assumpto. Muito fez quem deixou o nome de Zacharias, authorizado alfim com hũa teara; mas muito mais faz quẽ deixa o gloriosissimo nome de Gasmão (glorioso no ceo, & na terra) cujo real, & esclarecido sangue se teceo sempre nas purpuras de toda Europa; & hoje com mais gloria que em nenhum outro Reyno (posto que com igual magestade em tantos) o vemos felizmente coroado, & veremos em immortal descendencia, no nosso de Portugal. Este he o famosissimo em todas as idades: o eminētissimo em todas as pessoas: o assinaladissimo em todas as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gasmão; & este he o q̃ hoje vemos deixado pelo humilde da Cruz. Não sei se admire nesta eleição o virtuoso, se o discreto? Em fim a virtude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

Quando os Anjos no sepulchro de Christo, perguntarão as Marias o que buscavão; vzarão de diferentes termos

Matth. 28 (segundo diuersos Euangelistas.) O Anjo de S. Matheus perguntou se buscavão a Iesu crucificado: *Iesū qui crucifixus*

Marc. 16. *est queritis.* O Anjo de S. Marcos perguntou se buscavam a Iesu Nazareno crucificado: *Iesum queritis Nazarenum crucifixum.* Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado; porque razão o Anjo de S. Matheus lhe chamou Iesu crucificado somente, & não fallou no Nazareno? O melhor comentador dos Euangelistas, o doutissimo Maldonado, notou aduertidamente, que o Anjo de S. Matheus appareceo como Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareceo como homem: *Matheus Angelū, Marcus hominem appellat.* He do texto. Porque S. Matheus diz *Assi Angelus Domini descendit de caelo qui dixit mulieribus: Hū Anjo do Senhor desceo do Ceo, que fallou ás molheres. E S. Marcos diz ássi. Intranses monumentum viderunt iuvenem seden-*

23

sedentem: entrando no sepulchro viram hum mancebo af-
sentado. E como o que fallou às Marias em S. Marcos, era
homem, & em S. Mattheus era Anjo; por isso o de S. Marcos
chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado, & o de S.
Mattheus chamoulhe Iesu crucificado sòmente, & nam
fallou no Nazareno. Ora notai. Entre o Nazareno, & o cru-
cificado avia esta differença em Christo; que o Nazareno
era nome dos pays, o crucificado era nome da cruz: & an-
tepor o nome de Nazareno ao de crucificado, antepor o
nome dos pays ao nome da Cruz, isso fazê os Anjos q̄ são co-
mo homês; mas tomar o nome de crucificado, & callar o de
Nazareno, tomar o nome da Cruz, & deixar o nome dos pa-
ys, isso fazê os Anjos q̄ são como Anjos. O Anjo de S. Marcos,
q̄ fallou como homê da terra: *Viderūt iuuenē sedentē*: antepoz
o nome dos pays ao nome da cruz: *Iesū queritis Nazarenū
crucifixū*. O Anjo de S. Mattheus, q̄ fallou como Anjo do
Ceo: *Angelus Domini descēdit de Cælo*: tomou o nome da
Cruz, & deixou o nome dos pays: *Iesum qui crucifixus est
queritis*. O discriçam mais q̄ humana! O eleiçãõ verdadeira
mête Angelica! Sei eu q̄ as Marias ouviram os Anjos, mas
nenhũa dellas aprêdeo a mudar o nome Maria Magdalena
nam se chamou da Cruz, senam Magdalena: Maria Cleofé
nam se chamon da Cruz, senam Cleofé. Nam louberam
deixar o nome dos pays, & tomar o da Cruz aquellas Ma-
rias, porque estaua este religioso primor guardado para ou-
tra que na deuaçãõ auia de vencer as Marias, & na discri-
çam igualar os Anjos.

Mas assi como em casa de Zacharias se leuantou ques-
taõ sobre o nome do Baptista; assi he bem que a tenhamos
hoje aqui sobre este nome da Cruz. Quem la contradisse o
nome de Ioão foraõ as pessoas mais authorizadas, que assi *Tolet.*
stiaõ à celebridade da festa. *Qui venerant celebritatis gratia*:
comenta o Cardeal Toledo. Quem aqui impugnarà o no-
me da Cruz, serà tambem a pessoa mais authorizada que
assiste á celebridade da festa, q̄ he quẽ? Christo Sacramenta-
do. E assi como lá diziaõ que não se auia de chamar Ioam
senam

senão Zacharias: assi cã diz christo que não se auia de chamar da cruz, senão do Sacramento. Não he imaginação sem fundamento miuha, he accommodação verdadeira tirada com toda a propriedade, do texto. O nome que lá queriaõ dar ao Baptista era Zacharias. E Zacharias que quer dizer? Quer dizer: *Memoria Domini*: A memoria do Senhor. Isso mesmo he o Santissimo Sacramento da Eucharistia. He a memoria do Senhor, q̄ elle nos deixou por prendas em sua ausencia. *Hec quotiescunq̄ feceritis in mei memoriam facietis.* Está fundado. Agora pergunto eu. E que razão tem christo Sacramentado para dizer, que não quer que o nome seja da Cruz, senão do Sacramento? A razão he muito forçosa. Porque professar Religião mais he Sacramentarse, que crucificar-se. Todos os sanctos commummente chamaõ cruz ao estado Religioso; mas com licença sua eu digo, que o estado Religioso tem mais do Sacramento, q̄ da Cruz. A razão em que me fundo he esta. Porque na Cruz morreo Christo hũa só vez; no Sacramento morre todos os dias. O sacrificio da Cruz foi cruento, mas foi vnico; o sacrificio do altar he incruento, mas he quotidiano.

Ioan. 15.

A maior fineza do amor he morrer: *Maiorem charitatem nemo habet*; mas tam hum grande de far esta fineza, que quẽ a faz não pode fazer outra. He a maior fineza, mas he a vltima. E como Christo amaua tem extremamente aos homẽs, & via que morrendo na Cruz se acabaua a materia a suas finezas; que fez? Inuentou milagrosamente no Sacramẽto hum modo de morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida, & não acabando poder repetir a morte. Esta he a ventagem que leua em Christo o amor que nos mostrou no Sacramẽto, ao amor que nos mostrou na Cruz. Na Cruz morreo hũa vez; no Sacramento morre cada dia: na Cruz deu a vida; no Sacramento perpetuou a morte. A Elpõsa, como quem melhor as sabe aualiar, nos dirá a verdade desta fineza. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus amulatio.* O amor se he grande (que isso quer dizer *dilectio*) he como a morte; & se he mayor (que isso quer dizer *amulatio*) he

Exnt. 8.

695

he como o iuferno. Notauel dizer! Porque razao compara Salamaõ o amor grande á morte, & o amor maior ao inferno? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta differença, que a morte tira a vida, o inferno perpetua a morte. Por isso o amor grande se compara à morte, & o maior ao inferno; porque mais he perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida he morrer hũa vez; perpetuar a morte he estar morrendo sempre. E eis aqui a desigualdade do amor de Christo na Cruz, & no Sacramento. compete o amor de Christo no Sacramento, & amor de Christo na Cruz; o da Cruz foi como a morte, porque chegou a tirar a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foy como o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut infernus amulatio*. E muito mais foi perpetuar a morte, que tirar a vida; porque tirar a vida he morrer num instante, perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a razão porque o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, que com a Cruz. Na Cruz morrese hũa sò vez, no Sacramento morrese cada dia. Sei que disse S. Agostinho que sò os Martyres pagão a Christo a fineza que fez em se deixar no Sacramento, porque morrẽ por quem morre por elles. *Qui accedis ad Mēsã Principis debes similia preparare, hoc beati Martires fecerūt*. Mas esta razam de S. Agost. (dênos licença o lume da Igreja) impugnase facilmente. Porq̃ muitas mortes não se pagão cõ hũa sò morte: *Christo no Sacramento morre todos os dias, os Martyres morrem hũa sò vez: logo não pagão os Martyres a Christo no Sacramento. Pois que diremos a isto? Digo que os Martyres pagam a Christo na Cruz, os Religiosos pagam a Christo no Sacramento. Os Martyres pagam a Christo na Cruz, porque morrem hũa vez, por quẽ hũa vez morreo por elles: os Religiosos pagam a Christo no Sacramento, porque morrem cada dia por quem morre por elles todos os dias. Ha quem o diga? Nam he menos Religioso, que o exemplar de todos, sam Paulo. *Quotidie morior*. cada dia morro. De maneira que assi como Christo no Sacramento inuentou hum modo de morrer sem acabar, para morrẽdo poder dar a vi-*

da, & nam acabando poder repetir a morte; assi os Patriar-
chas das Religioes (& melhor q todos o Serafico e seu diui-
no instituto) parecêdolhe pouco a mor não morrer, & pouca
morte morrer hũa sòvez; acharaõ este modo milagrosamête
natural de viuer morrêdo, para na morte multiplicarê as en-
tregas da vida, e na vida perpetuarê os sacrificios da morte.

Grande lugar do Protopatriarcha das Religioes sam Ba-
silio. Falla o grande Basilio das cellas das Religioens mais
estreitas, & diz, que a cella de hũa alma religiosa he emula,
he competidora da sepultura de Christo. *O cella Dominica
sepultura amula!* Pois saibamos; que calidades tem hũa cella
para tam nobre competencia? Em que presunçoes se fûda
esta emulaçã? Que se cõpare a cella a qualqr sepultura; ju-
sta semelhãça: porq onde o habito he hũa mortalha, o leito
hũ ataude, as paredes tão estreitas, & cõ tão pouca luz, co-
mo estas q vemos, muito ha de sepultura. Sepultura si: mas
sepultura naõ outra, senão a de christo; porq razão? Porq
nas outras sepulturas mora só a morte; na sepultura de chri-
sto morou a morte, & mais a vida juntas. Na sepultura de
Christo esteue a vida morta, & a morte resuscitada: & raes-
saõ as vossas cellas, o religiosos spiritos. *O cella dominica sepul-
tura amula, qua mortuos suscipis, & reuiuiscere facis.* O cella ver-
dadeiramête imitadora da sepultura de christo, pois està e
ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porq
naõ tẽ vlos a vida; a morte resuscitada, porq tẽ alêtos a mor-
te. Es hũa suspençã gloriosa de morte, & vida (se bẽ glori-
osa cõ pena) onde posta a alma nas rayas do viuer, & mor-
rer participa indicifamête o mais riguroso de ambas; insen-
siuel, como morta, para o gostoso da vida sensitua, como vi-
ua, para o penoso da morte. Em ti se vê multiplicado o mila-
gre natural da Feniz, sêdo patria, & sepulchro quotidiano,
onde se morre a vida, & se nace a morte, faltãdo cinzas, mas
naõ faltãdo incêdios. Em ti (e cõ maior propriedade hoje) se
vê verdadeira a metafora dos orizõtes, sêdo oriête, & occa-
so jütamente, onde o Sol no mesmo instãte morto, & naci-
do resuscita a hũ emisferio quãdo se sepulta a outro. Em ti
finalmente (cõ serês a melhor parte do paraíso) se vê sê fia-
gimen-

gimento a fabula do inferno, sendo cada Religioso espirito
hū Ticio em bēaventurāça de penas, q̄ não podēdo morrer
para morrer mais vezes, tē morta a vida, & immortal a mor-
te: *Semper q̄ renascens non perit, ut possit saepe perire.* Não he mui-
to q̄ ache eu comparaçõs no inferno ao maior sacrificio,
quādo no inferno as buscou a alma santa ao maior Sacra-
mēto. De hū, & outro se pode dizer cō grāde semelhança:
Dura sicut infernus emulatio E como o sacrificio da Religiam
por ser morte perpetuada, se parece mais com o Sacramen-
to q̄ cō a Cruz; sendo o officio dos nomes declarar a essen-
cia das cousas; parece q̄ quē professa Religião não se deue
chamar da Cruz, senão do Sacramento. *Et vocabant eum no-
mine patris sui Zachariam hoc est memoriam domini.*

Cō tudo responde S. Izabel: *Nequaquã.* Por nenhū caso.
E cō muita razão. Porq̄? Pella mesma, q̄ o persuade. Porq̄ se
o nome do Sacramēto diz tudo o q̄ ha no estado Religioso,
& o nome da Cruz diz menos, pelo mesmo caso se deue to-
mar o nome da Cruz, & não o do Sacramento. Na eleiçam
dos nomes ha hūa grāde differēça tomada dos fins porq̄ se
elegē: os nomes q̄ se tomão por verdade dizē tudo, os q̄ se
tomão por vaidade dizē mais, os q̄ se tomão por humildade
dizē menos. E como a mesma humildade, que desprezou a
grādeza dos nomes paternos, foi a q̄ fez a eleiçãõ do nome
Religioso; por isso com discreta impropietade escolheo o
nome diminutiuo da Cruz, em q̄ he mais o q̄ se calla, q̄ o q̄
se diz. Como respõdo a Christo Sacramētado, cō o mesmo
nome do Sacramēto quero cōfirmar a reposta. O Sacramē-
to do altar chama-se corpo, & sangue de Christo. Esse nome
lhe deu o mesmo Senhor. *Hoc est corpus meū: Hic est Calix san-
guinis mei.* Pergũto: & ha no Sacramento mais algũa cousa?
Ha alma, & ha diuidade. Pois se no Sacramēto não sò está
corpo, & sãgue, senão tãbē alma, & diuidade, porq̄ senão
chama corpo, & alma, sãgue, & diuidade de Christo, senão
corpo, & sãgue sòmēte? Porq̄ este nome deu o christo ao Sa-
cramēto na hora em q̄ se quiz mostrar mais humilde. A ho-
ra em q̄ christo se mostrou mais humilde foi a mesma em q̄
instituiu o Sacramento de seu corpo, & sãgue, dispondo aos

698
Apostolos com a pureza do lauatorio: & a si com a humil-
dade de lhe lauar os pés. E como Christo poz o nome a es-
te misterio com aduertencias de humilde, por isso decla-
rou sòmente o menos que nelle auia; que os nomes que
compoem a humildade sempre callaõ mais do q̄ dizẽ. O q̄
diz he corpo, & sangue; o q̄ calla he alma, & diuidade. O
mesmo passa no nosso caso: q̄ ainda q̄ se naõ tomou o no-
me ao Sacramento, seguioselhe o exemplo. Deixase o no-
me do Sacramẽto, porq̄ diz mais, tomase o nome da Cruz
porq̄ diz menos; q̄ se preza o verdadeiro amor, do q̄ he, &
naõ do q̄ significa. Bastelhe a Religiaõ ser Cruz *ex vi ver-
borum*, ainda q̄ seja muito mais *per concomitantiam*. Taõ ju-
sto foy logo deixarse o nome de Zacharias quãto á signifi-
caçaõ, como quãto à realidade: *Et ait mater eius nequaquam.*

Acaboufenos o thema; & se me naõ engano tenho pôde-
rado todas as clausulas delle, cõ algũa semelhança às obri-
gaçoẽs deste dia. Mas tãbẽ vejo q̄ reparariaõ os mais curio-
sos em q̄ passei em silẽcio aq̄llas palauras: *Audierũt vicini, &
cognati, & cõgratulabãtur ei.* Cõfesso q̄ naõ fallei nestas pala-
uras; & tãbẽ cõfesso, q̄ as deixei porq̄ naõ achei nellas seme-
lhãça, senaõ muita differença do nosso intento. *Cognati, & vi-
cini cõgratulabãtur ei.* Lá no nacimẽto do Baptista diz o Euã-
gelho, q̄ os parẽtes, & os visinhos estauaõ muito cõtẽtes, &
agradecidos; porẽ cá naõ he assi. Taõ fora estaõ de poderem
estar cõtẽtes os visinhos, & os parẽtes; q̄ antes o parẽtesco,
& a visinhança tẽ razãõ de estar queixosos. Tẽ razãõ o pa-
rentesco de estar queixoso, porq̄ se vé a si deixado: tem ra-
zãõ a visinhãça de estar queixosa, porq̄ vé os estranhos pre-
feridos. Quando o fãgue se ve deixado, porq̄ naõ ha de estar
queixoso o parentesco? E quando as Estrangeiras se vem
preferidas às naturaes, porque nam ha de estar queixosa a
visinhança? Nam se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congro-
tulabantur ei.* Acudo a estas duas queixas, & acabo.

Primeiramente digo, q̄ naõ tẽ razãõ o parentesco d'estar
queixoso; porq̄ quando as obrigaçoẽs do sangue se deixam
por amor de Deos, naõ he fazer offensa, he fazer lisonja ao
parentesco. Da parte de quẽ he deixado he sacrificio, mas
da

da parte de quem deixa he lioja . Tudo prouo . Hospedou
 Martha a christo em sua casa, & tinha esta senhora hua ir-
 maa a quem o texto chama Soror Maria: *Et huic erat soror no-*
mine Maria: A qual se retirou co Christo; & assentada humil-
 de a seus pes, o estaua ouuindo, & cotēplado . Chegou Mar-
 tha ao Senhor, & disselhe: *Dñe nõ est tibi cura quod Soror mea*
reliquit me solã ministrare? E bẽ Senhor tãto vos descudais de
 mi, que naõ vedes que minha irmãa me deixou só? Esta foi
 a historia; duas sam as minhas ponderaçoes . Digo que
 Martha na queixa que fez de Maria offereceo hum gran-
 de sacrificio a christo, & Maria na occasiam que deu a
 queixa, deu hua grande satisfaçam a Martha.

Luc. 12

Difficulto assi. Christo nam foi o q̄ chamou a Maria; Ma-
 ria foi a q̄ se assentou a seus pes sagrados. Pois se a occasiam
 justa, ou injusta da queixa a deu Maria, & naõ Christo; porq̄
 propoẽ Martha a sua queixa a Christo, & nam a Maria? Porq̄
 Martha nesta aççam nam pretẽdeo tãto dar queixas de Ma-
 ria, quanto offerecer sacrificios a christo. Como se differa
 Martha. Nam cudeis Seõnor, q̄ só Maria he a q̄ faz as finezas
 q̄ eu tãbẽ vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua deua-
 çam, eu sacrificio minha soledade: *Reliquit me solã ministrare:*
 Ella offereceuos o estar co vosco, eu offereçouos o estar sã
 ella. De sorte q̄ e hua aççãõ auia alli dous sacrificios: hũ de
 Maria porq̄ se fora para christo, outro de Martha porq̄ adeixa
 ra Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior; o de Ma-
 ria, ou o de Martha? Eu nam me atreuo a dar sentença nesta
 causa. Sõ digo q̄ se neste lugar prẽgara S. Pedro Chrysologo
 auia de dizer q̄ o sacrificio de Martha era maior q̄ o de Ma-
 ria. Pergũta S. Pedro Chryf. quẽ fez mais, se Abraham e sa-
 crificar a Isac; se Isac e se offerecer ao sacrificio. Resolue q̄
 Abraham; & verdadeiramẽte tẽ a escriptura por sua parte. Po-
 is se Isac era a victima q̄ auia de ficar morto: se Abraham
 era o Sacerdote q̄ auia de ficar viuo; como era, ou como po-
 dia ser q̄ o sacrificio fosse maior e Abraham, q̄ e Isac? A razã
 he esta. Porq̄ Isac sacrificaua a sua pessoa, Abrahãõ sacrifica-
 ua a sua soledade. Isac offerecia se a ficar sã vida, Abraham
 offerecia se a ficar sã Isac. E segũdo o muito q̄ Abrahãõ ama-
 ua a q̄lle filho, maior sacrificio fazia e o dar a elle, q̄ elle em

Chrysol.

Gen. 32

se dar a si. Bẽ digo eu logo q̃ foi grãde sacrificio, o q̃ Martha offereceo a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou não menos q̃ a soledade de Maria. *Reliquit me solã ministrare.*

Exod. 32.

E q̃ Maria na mesma occasião, q̃ deu à queixa, deu hũa grãde satisfação a Martha, não ha duuida. Porq̃? Porq̃ deixar Maria a Martha não por amor doutrẽ, senão por estar cõ Christo, foi dizerlhe claramẽte: q̃ fazia tão grãde estimaçãõ de lua companhia, q̃ só por Deos a podera deixar, & sò cõ Deos a podia suprir. Vẽdo os filhos de Israel q̃ auia quarenta dias q̃ faltaua Moyses por estar fechado cõ Deos, determinarão abalar do pè do monte, & irse. Foraõse ter com Arão, & differão assi. *Fac nobis Deos qui nos praeedant Moysi enim huic viro nescimus quid acciderit: Araõ, fazeinos hũ Deos q̃ nos acõpanhe, porq̃ não sabemos q̃ feito he deste homem Moyses. Linda consequencia por certo! Dai cá hum Deos porq̃ falta Moyses. Moyses não era homẽ? Elles mesmos o dizião: *Moysi enim huic viro.* Pois se Moyses era homem porq̃ pediãõ hũ Deos em falta de Moyses? Porq̃ ha presenças, q̃ sò por Deos se podem deixar; & ha ausencias q̃ sò cõ Deos se podem suprir. Como os Hebreos amauãõ tanto ao seu Moyses, & se viaõ forçados ao deixar, faziaõ este discurso. Iã que se hade deixar Moyses, sò por hũ Deos se hade deixar; & já q̃ se hade suprir cõ outrẽ o seu lugar sò com hum Deos se hade suprir. Por isso pediãõ a Arão hũ Deos, & não outro substituto daquella ausencia: *Fac nobis Deos qui nos praecedãt.* Esta satisfação derã os os Israelitas a Moyses quando o queriãõ deixar, & esta foi a satisfação q̃ deu Maria a sua irmã quando a deixou. Deixou de estar cõ ella, mas por estar cõ Deos; *Que etiã sedẽs secus pedes Domini.* Não tẽ logo razão o parẽtelco hoje de se mostrar sètido, ou queixoso, se não contente, & agradecido. *Cognati congratulabantur ei.**

Et audierũt vicini. Tãbem se nam deue queixar a visinhãça de ver as Estrangeiras preferidas às naturaes. E Porque? Porq̃ hũa alma q̃ por mais seruir a Deos quiz ajũtar a claufura com a perigrinaçãõ, necessariamente ouue de deixar os naturaes, & buscar os estrangeiros. Hũa das cousas que muito agradou sempre a Deos em seus seruos foi a peregrinaçãõ.

701

grinação. Por isso mandou Abraão q̄ sabbise peregrino de sua patria: por isso quiz que peregrinasse Iacob em Mosopotamia, Ioseph no egypto: & ao mesmo pouo querido de Israel, porq̄ o escolheu para si, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, & por tantos annos. E como Deos se agrada tanto dos peregrinos (q̄ tambem o quiz ser neste mundo) q̄ faria hũa alma deseiosa de agradar muito a Deos, vendose obrigada à clausura pelo seu estado, & inclinada à perigrinação pelo gosto diuino? Peregrinação, & clausura não podem estar juntas: pois q̄ remedio? O remedio foi entrando em Religião, escolher hũ mosteiro de Estrãgeiras; para q̄ viesse desta maneira a achar jũtas a clausura, e a peregrinação: a clausura no lugar; a peregrinação na companhia. Quem cuidaria, q̄ era possiuel estar jũtamente em Portugal, & peregrinar em Flãdes? Pois isto he o q̄ vemos hoje cõ nossos olhos.

Falla David da perigrinação dos filhos de Israel para Palestina; & diz assi. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Quando o pouo sahio do Egypto ouiu a lingua q̄ nam entendia. Particular modo de reparar! Se David ponderaua a peregrinação dos Israelitas parece q̄ auia de dizer q̄ passaram climas incognitos, q̄ caminharã terras desconhecidas. Pois porq̄ não repara nas terras senam nas linguas? Porq̄ nam diz q̄ andarã por terras estranhas, senam q̄ ouuirã linguas estrangeiras? Porq̄ julgou discretamente o Profeta, q̄ a formalidade da perigrinação nam consistia tanto na mudança dos lugares, quãto na differença das linguas. Nam està o ser peregrino na estranheza das terras q̄ se caminham, senam na estranheza da gente com q̄ se trata. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuit.* Sahir do egypto para onde se ouue outra lingua, isso he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o viver entre gente de lingua estranha, bẽ digo eu. q̄ se viraõ aqui juntas milagrosamente a clausura, & a peregrinação; a clausura no lugar, a perigrinação na companhia. Nam deue logo de estar queixosa a visinhança, posto que a queixa parecia justificada; antes tem obrigação as Religiosas Portuguezas de se edificarem, & alegrarem muito de verem (sobre

2 702
bre hum tam grande exemplo) hum tam nouo, & particu-
lar spirito na profissão de seu estado; trocando as apparen-
cias do sentimento em motiuos de parabens. *Vicini congratulabantur ei.*

Temos acabado o Sermam, & com elle as Victorias do
Impossiuel, que assi se chama. Doulhe este nome naõ sò por
ser Sermam do Nascimento do Baptista, com oqual pro-
Luc. 1. uou o Anjo que nada era impossiuel a Deos: *Quia non erit
impossibile apud Deum omne verbum;* senam por ser Sermam
desta profissam solemnissima que celebramos, na qual sem-
auer reparado, deixo prouados seis impossiuéis. No naci-
mento do Baptista venceose hum impossiuel, que foi ajun-
tar-se esterilidade com parto: *Elisabeth peperit filium.* No ac-
to desta profissão venceraõse seis impossiuéis, que foraõ os
que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro
ajuntar-se a Corte com o deserto. No segundo a mocidade
com o desengano. No terceiro a grandeza cõ o desprezo.
No quarto a innocencia com o castigo. No quinto a vida
com a morte. No sexto a clausura com a peregrinaçam. E
seis impossiuéis vencidos na terra, que deuem esperar se-
nam seis coroas ganhadas no Ceo? Daruos ha no ceo, es-
posa serenissima de Christo, a Corte com o deserto hũa co-
roa da solitaria entre o coro dos Eremitas. A mocidade
com o desengano hũa coroa de prudente entre o coro dos
Doutores. A grandeza com o desprezo hũa coroa de hu-
milde entre o coro dos Apostolos. A innocencia com o
castigo hũa coroa de penitente entre o coro dos Confesso-
res. A vida com a morte hũa coroa de mortificada entre
o coro dos Martyres. A clausura com a peregrinaçam hũa
coroa de peregrina entre o coro das Virgês. Assi triumpho
quem assi vence: assi alcança quem assi merece: assi goza
quem assi trabalha: assi reyna quem assi serue: nesta vida
a Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria.

Quam mihi, & vobis, &c.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras

Biblioteca Central

2637
Taxam este Sermam em
de 1644.

reis. Lisboa 19. de Nouembro
Meneses. Ribeiro.